

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranesa: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

Verdade sublime

O mundo vinha sendo, à nossa vista, um montão formidando de heterogêneas coisas. Mas, como em tudo, vai-se fazendo luz onde a treva ainda negreja, arejando o vácuo do abismo para o esvoaço dos ideais, insuflando a tudo e a todos da mesma seiva vivificadora. Quando o viajero topa no inesperado, que reivindica o passado, há que difundir o verbo da Verdade sobre o impecilho.

O Verbo — escrito ou falado — é a esaxada dos que sabem amar e compreender, sentir e espalhar, os ditames das belas ideologias.

Com «eles» se propõem os apóstolos arrotear o campo da civilização.

Não cansamos de atribuir à Democracia a construção mais sólida que a arquitectura humana pôde conceber. Esta afirmação não briga tão pouco com a inimizade de outra semelhante.

E' invulnerável... porque possui *solidex* para resistir aos vendavais através dos tempos, dos tempos, dos homens, dos caprichos. Não julgue o mênos canto que *trilhamos o caminho errado*. Verdade sublime, esta: o Ideal eleva-se sobre o homem. E este nada pode contra aquê.

E' que *ela* vibra em tôdas as almas boas. E' que *ela* é ardentemente defendida por tôdas as almas boas.

Tem, por armas, a persuasão.

Impugna a violência com palavras de cordura, de esperança e de paz. E é dessa brandura que «*lhes*» advém a sua força... que interrompe, que brota imanente da *Razão*, que invade, que ilumina as consciências bem formadas... que ajunta, que irmana, que alista a pleiade dos grandes pensadores. A Democracia é a Verdade que adeja ao alcance de todos os olhos, à análise de todos os raciocínios, visinha de todos os corações. E' a Verdade que se gera na secular aspiração dos povos, no sofrimento dos mártires, no desapêgo dos heróis.

E' a Verdade por excelência, é a Verdade sublime.

XYZ.

A A. R.-S. oferece os seus ensinamentos a todos os cidadãos, a todos os portugueses.

Lêde e divulgai o manifesto da A. R.-S.

Novo professor

Tomou posse, há dias, do cargo de professor de Desenho da nossa Escola Industrial e Comercial, o distinto Escultor, senhor António Ferreira Azevedo, que era professor agregado da Escola Industrial do «Infante D. Henrique» do Porto. Sua ex.ª, que nos dizem ser muitíssimo competente, saberá ser para os seus alunos e colegas o mesmo que era o nosso dedicado amigo e correligionário sr. Abel Cardoso. A «Velha Guarda» apresenta os seus cumprimentos a sua ex.ª e deseja-lhe as maiores felicidades.

A Revolução

As ideias marcham, dominadoras, triunfantes. São exércitos invencíveis, comandados pelo tempo e pela experiência. Ninguém os detem, ninguém os afronta. Têm a magia do poder divino e a heroicidade das coisas perturbadoramente lendárias — dizia, com certo ar arrebatador, um filósofo francês, sugestionando as multidões ávidas de sensações fortes no torvelinho insatisfeito das grandes causas políticas.

As ideias marcham, na verdade, e é difícil detê-las na sua marcha quando accionadas já por uma força subtilmente misteriosa. Mas é necessário, contudo, calcular-lhes o movimento, ou melhor — em linguagem técnica — a sua mecânica. Sem isso, sem o seu conhecimento — como função diferencial — o homem não pode obter delas a vantagem visionada no tumultuar de tôdas as suas paixões e de todos os seus esforços criadores. O Homem é o regulador na sua proporcionalidade funcional. E' a sua derivação de capacidade de movimento, dentro do sistema de forças convergentes. E se as ideias marcham — hoje mais que nunca — aticadas pela época desequilibradora em que vivemos, com a natural tendência para uma fórmula de equilíbrio, os homens, seus responsáveis e seus detentores, estudam-lhes os movimentos de incidência. Assim, na conflagração tumultuosa em que vivemos, os homens associam os seus pensamentos, englobam as suas actividades, fundem as suas energias. Nada mais imperioso que o movimento social duma época, exigindo comando — aquele comando que é ciência, astúcia, tacto, sensibilidade. Muitas vezes, as mais fortes realidades na sua aparência, tombam como catedrais que se desmantelam porque no fundo dessas grandes realidades há lógicas absolutamente fictícias e aparentes. Desde que uma sobranceira altitude e emancipação espiritual se estabeleceu e criou — a ideia tomou corpo, adquiriu movimento próprio, dinâmica difinitiva — não há outra realidade que se lhe imponha, a não ser que ela intensifique o desequilíbrio, a desarmonia de pêndulos que não podem ser conjugados.

E a perturbação, a desordem, a falsa realidade das coisas lembra tempestades que se chocam no íntimo das grandes profundidades.

Ora o conceito manda coordenar e estudar até ao limite dos coeficientes determinados, onde o homem terminou a sua missão correspondente. E' assim, em política — precisamente. As ideias, marchando, renovam e destroem, construindo, e os homens, na vida dessas próprias ideias, são os coordenadores exactos, intensificando e regulando, como em determinação de um paralélismo que tem que ser óbvio. Desde que à sua oposição estabelecemos uma fórmula que dependa apenas dum mero critério de observância de ordem local ou ocasional, temos estabelecido um *desgaste* enorme em função do tempo e da verdade, caído na dolorosa senda dos nossos males íntimos e sociais.

Só o homem tem o privilégio de *saber* aceitar e coordenar as ideias. Elas tomam o sentido falso precisamente quando nós próprios as erramos na sabedoria que nos trazem. Se elas são a própria vida — digamos mesmo — a vida superior!...

Na época em que vivemos, de males e aflições, de transe e agonias, unir é revolver e é saber aceitar, para poder vencer. Na época em que vivemos, de sacrifícios e desilusões, os homens, dispersos, suicidam-se, e as ideias, mal compreendidas e mal aceites, perturbam ainda mais as horas tranquilos dos povos ávidos de paz e abastança. Assim têm, portanto, numa revolução fecunda de todos os valores, sistemas e atitudes, de inteirar-se todos os homens da Democracia — ideia, em marcha, do nosso tempo, da nossa época, da nossa própria sensibilidade. O espírito vence a matéria que, esta, gasta e apodrecida, lamentosa e inferior, desfaz-se em átomos, perdõem-me a imagem...

Quando, conseqüentemente, aliviados de todos os pesadelos, rivalidades e ódios, mal querenças e injustiças, os homens da República tomaram conta dos movimentos espirituais da nossa época presente, nada mais fizeram que estabelecer o critério verdadeiro num estudo profundo de coordenação e aproveitamento. Em linguagem, portanto, de eloquência social — os Homens fizeram a Revolução.

A Revolução está feita, portanto! E a sua realidade — a sua doutrina, o Estado *verdadeiramente novo* — corporizou-se. Ora no estudo de todos estes movimentos há uma virtude intangível: a identidade de esforços e sentidos como que partidos, gerados por máquinas que apenas diferem na sua numeração de série, para que as ideias em movimento produzam trabalho útil e fecundo. Eu não compreendo, nesta ordem de raciocínio, um agregado de coisas desiguais, e sobretudo, de algumas que são coisas mortas.

Não há-de resultar, incontestavelmente, efeito compensador ou proporcional.

Uma Nação, um povo, atribuído de faculdades mais ou menos desenvolvidas e em estado funcional, não consente nunca — é apenas uma função tempo — uma paragem forçada. Os povos não param; e os que assim se detem correm o risco de ser absorvidos trágicamente. Quando, portanto, a Nação, o povo afirmou a sua fé republicana numa já provada hegemonia, resultante de uma revolução de ideias, sistemas novos, atitudes e concretizações, tôdas as ideias tomaram o movimento exacto que as calcula. Não há, pois, sofismas, fictícias realidades ou tangências absurdas. Apenas se ergue, com esplendor e claridade, todo um tratado de filosofia social que as mentalidades enunciam, dentro da urgência que lhes corresponde. Mas, olhando ainda para o longínquo passado daquelas horas mortas, estêreis e culposas, cada homem, na sua fé política e na perseverança do seu esforço, tem, fatalmente, que chamar-se a si próprio, fazendo despertar de uma vez para sempre, esta grande e dura verdade: a responsabilidade na sua própria missão. E' que não basta vencer — vencer, como muita gente pensa: é preciso vencer — vencer até ao desaparecimento físico e filosófico de todos os detalhes, parágrafos ou células.

As ideias marcham... — que elas sejam, pois, para o País, geradoras duma realidade social digna dêle e da República.

ALFEU DE CASTRO.

Lendo a História Pátria

Para formar um espírito medianamente culto nos ensinamentos liberais, urge compulsar assiduamente as páginas da história. Li o depósito de tudo o que — bom ou mau — se fez à humanidade.

A nossa memória reflete ainda as malsinações macabras do período Miguelista... a última intentona feroz da velha sociedade portuguesa. Estava escrito que — a despeito da reacção desassombrosa e torpe dos pseudo-legitimistas — haviam de vencer os adeptos da «*Carta Constitucional*». Pela ordem das coisas, assim tem sucedido sempre. Mas, chegamos a pasmar de tanta crueldade, sinistramente orientada pelas camarilhas fradêscas que — eivadas de evangélica clemência — se colocavam sem reservas, e segundo a regra das suas regras, ao lado da força bruta, perisopificada naquêlo adolescente que se chamou Miguel de Bragança.

O mancebo sofria a influência dum mau desequilíbrio, constituiu tôda a idolatria da mediocridade nacional, à frente da qual se bandeava os frades e outros religiosos, quasi todos os religiosos. Pesam sobre esta gente as mais tremendas responsabilidades. O «ídolo» cometeu e sancionou pavorosas atrocidades, fez o eclipse da honra e da equidade. Retalhou em mil bocados dispersos varios e tantíssimos lares, que outra *mal* não faziam que não fosse a discrepância de pensar. S. Julho da Barra foi — entre milhares — uma testemunha emudecida da *cafraria*.

Miguel de Bragança — sobre de quem pesa ainda a negra suspeita do assassinato do Loulé — deixou atrás de si uma sangueira enorme. Pagou à Lei o seu tributo em Évora-Monte. A' humanidade que foi ultrajada, às famílias desfeitas, às bocas sem pão aos filhos sem pai e sem teto — porém — nada pagou. Ficou um que muito devia aos maduros que o glorificam, a história a *profanar* perenemente os seus escândalos. E basta. Porque a história nada escapa. Nada que mereça louvor ou reprovação. A história escaldada os réprobos com o azorrague da verdade e exalta os heróis com o altar da gratidão eterna e... nimba de santo e doirado arôma os verdadeiros mártires.

Aconselhamos os leitores — se ainda o não fizeram — a estudarem a vida de Miguel de Bragança. E' um trecho de história muito evocativo. Tem lances flagrantes. Visiona mundos que muitos ingénios desconhecem.

Leão Pires.

Ser Republicano é ser bom Democrata é ser perfeito. A A. R.-S. é boa e é perfeita.

A A. R.-S. foi, na história da nossa civilização, mais um lídimo e fulgurante êxito da Democracia.

CRÓNICA DE POLÍTICA INTERNACIONAL Dia a dia...

AS HORAS TRÁGICAS DA ALEMANHA
O TACTO POLÍTICO DA FRANÇA

Já o ano passado, por este tempo, aproximadamente, um categorisadíssimo enviado especial do «Le Journal» punha esta formidável interrogação: «Para onde vai a Alemanha?»

Isto era no tempo em que um feroz nacionalismo se desencadeava ameaçador da paz europeia e punha em sobressalto as chances de todo o mundo. Hitler — aventureiro inteligente e magnífico manejador duma massa ardendo em febre e em dificuldades — revolvía de alto a baixo todo aquele pântano, quieto e profundo ainda, duma educação militarista que feriu, fundo, a civilização germânica. Accionado por dinheiros estrangeiros e suggestionado pela mão de ferro de Mussolini, tal qual um agitador social das loucuras comunistas, êle embebedava uma multidão de infelizes, naufragos de uma catástrofe cada vez mais grandiosa e mais trágica. Milhões de desempregados, uma mocidade irrequieta e fogosa pelo fôgo de ideias extremistas mal compreendidas e mal ordenadas, um grito de revolta, emocionando as sensibilidades doentias e fracas, decerto ecoaria forte na tumultuária agitação de uma época transbordante de loucas visões políticas. Foi assim que aêsse grito enraivecido e patético, uma multidão, desordenada como em retirada alfitiva, dava um sentido brusco e singular à Democracia alemã. Era a guerra! Poder-se-ia dizer, em face dos acontecimentos, que a Alemanha, tocada na sua fibra primordial, votava, inclemente, a guerra legal. Hidemburgo, fingindo-se alheio a uma política arrogantemente perigosa, fechava-se no seu gabinete sombrio, do que aquele jornalista francês, que se puzera em contacto com os homens da Democracia alemã, escrevia, com ênfase e significação: «Il laisse faire». Hidemburgo fechava os olhos. E a multidão desvaivada, profundamente nacionalista, dentro daquele significado que pretende marcar uma política ordeira e que nada mais é que uma justificação de ambicionada realidade regressiva, gritava, em desafio, um rancor maldito à pacatíssima França. «Bas Versailles!» Le danger est à l'extérieur! — era o *mot d'ordre* duma política que sucedeu à de Stressemann — o formidável diplomata alemão que se entendia com a França e melhor e verdadeiro rumo havia dado às coisas da paz e da reabilitação de Alé-Rêno. Mas Stressemann morreu e com êle, implacavelmente, tódá a sua sabedoria suggestionadora... Na descompostura mental de um povo em perfeito desalinho, os aventureiros de Hitler mais nada viam que a França como causa única da sua derrocada, quando afinal, patentes as análises, senão só ela culpada é do seu desastre.

Mas os compromissos talhados pela guerra apertavam a situação do Reich e êste, agravado pela crise mundial que não perdôa, cavava, na verdade, dia a dia, um mal-estar geral horrível. Duas políticas, perfeitamente antagónicas, paradoxais, uma gerada pelo arrebatamento das turbas descompostas, outra aninhada no âmago de políticos da velha guarda, sonhando românticamente as horas líricas da idade das cavalarias, precisamente aqueles que, imbuídos outrora de sonho e glória ardente, agrediam a França — duas políticas, dizíamos, se conflituavam e desmentiam. Uma, clamando justiça e irradiando fé, perturbava a serenidade dum povo que necessitava de paz e diplomacia para vencer, outra, indo de encontro a todos os métodos e necessidades agravadas de ordem

económica e financeira, fazia construir cruzadores quasi lendários, zepelins magestosos, ao mesmo tempo que se erguiam arsenais e laboratórios e se negavam precisamente as cláusulas mais delicadas dos tratados. Por seu turno, a própria Rússia, hábil de diplomacia, consentia-lhe construções de guerra, dirigidas por engenheiros alemães, pessoal alemão, técnica alemã!

A moderna política germânica que houvera feito uma rotação própria, tomando o sentido de uma outra realidade — precisamente a realidade que as circunstâncias exigiam e deviam preparar — era falseada nas mãos de homens que deviam ao passado tódá a sua sensibilidade e todo o seu orgulho, e à sua mania e rancor insatisfeito, tódá a sua fé incomensurável!

Assim, feticivamente de acôrdo com uma política sábia, os seus verdadeiros pensamentos de caudilhos da guerra, materializavam-se, da maneira mais subtil, nas organizações militaristas escancaradamente açanhadas. Os rebentos loiros da família imperial voltavam à caserna — *et lui, il laisse faire*. . . — e os republicanos alemães, mesmo estribados na lei intangível, não conseguiam, nem mesmo chegavam a pôr a questão na tribuna do Parlamento. Era uma complicada e misteriosa mistificação de todos os princípios. Era o pântano revolvido aventurosamente, sob uma verdadeira protecção e conselheira influência estrangeira, ditada pela rivalidade franco-italiana — que atingia um fôro maldito com o fascismo belicoso — e orientada segundo a melhor hipótese sobre o sentido da Rússia, que fazia dois jogos: o da sua infiltração no operariado alemão e a maneira mais eficaz e oportuna de fazer enfraquecer a França, demasiado conservadora e forte aos ataques cheios de insucesso da política dos soviets. Por seu lado — evidentemente — o período de incertezas na Europa, sacudidas e inflamadas pela velha ronha ambiciosa dos Estados Unidos, desajuda da Inglaterra ocupada com os seus problemas gravíssimos intercoloniais e sobrecarregadas ainda pela agonia decisiva da dinastia dos Bourbons de Espanha, apodrecida e paupérrima de glóbulos vermelhos. Uma perfeita excitação nervosa, sufocante, apoderava-se do velho continente e tódas as habilidades e todos as malícias lhe iam buscar a especulação funda, antes que, desartorando a verdade, a derrota se impuzesse. Não foi preciso tanto. Bastou o verdadeiro e natural sentido das coisas das quais temos, presentemente, as consequências terríveis e medonhas, que carregam trágicamente sobre os ombros daqueles que queriam trocar os caminhos. . .

Portanto, a Alemanha, sob a magia duma velha política encarnada de novo e sciosa das suas ambições perfeitamente ráticas, desconcertava todo o sentimento pacífico da Europa, horrorizada com a guerra é certo mas muito mais compreendendo a hora delicada que vivia e que era de ordem económica, paralizada com a sua superprodução, falta de confiança e de equilíbrio nos mercados internacionais de moeda atacada de verdadeiras e bruscas oscilações, isenta de traço normal e movimento uniforme. Já a negociata dos marcos que inundavam o mundo obrigara a um esforço capital que as concentrações económicas e financeiras apelidavam, apopléticas, de *vigário*. . . muito inteligente.

Os países, portanto, mais profundamente sofreadores e, conco-

mitantemente, a Alemanha, fazendo a sua acobracia desesperadora, estatelavam-se em apreensões terríveis. Era um perigo económico — era um perigo de guerra! Mas a loucura continuava. Os tratados Alé-Rêno continuavam a ser a causa forçada, e entre o formidável exército de *chômeurs* e de *révanchistas* o ouro distribuía-se assustadoramente.

A despeza tornara-se, assim, mais — muito mais — que total.

A habilíssima política de Stressemann — fervoroso republicano e notabilíssimo diplomata — que chegara até a iniciar a conquista dos mercados estrangeiros pela indústria alemã, desacreditando a factura material americana, perdera todo o êxito e tódá a vibratibilidade. Hitler, com o seu estado Maior, arrogante nas paradas faiscentes, em paralelo com a organização militarista dos «Casques d'Acier», fazia pressão precisamente naqueles de quem defendia o futuro da Alemanha, ao mesmo tempo que agravava o perigo interno.

Era o tal — o inflamado movimento nacionalista da Alemanha, capa onde se escondiam as mais perturbadoras e desesperadas ambições!

Tinha razão Briand, quando, respondendo aos reacccionários franceses, que o atacavam bastante deslealmente, declarava num célebre banquete de antigos combatentes: «A Alemanha engana-se, como se engana tódá a política sua análoga! As realidades dar-melhão razão. Eu. . . eu só penso que as Nações, colaborando mútuas, e equilibrando-se, poderão deter poderes concretos e êsses só tem um significado e uma verdade: a Paz».

Os seus êrros evidentes fôram, desgraçadamente, os seus efeitos trágicos. A Alemanha atingia a sua fase delicadíssima, embora em Génèbra o discípulo de Stressemann — Curtius — comprometido pela política do Reich se sentisse embaraçado perante o sentido das coisas e presente a própria voz da sua consciência e inteligência.

Era uma luta terrível, era um dilema alfitivo. Como conciliar duas políticas perfeitamente antagónicas?

E' preciso recordar-se a gente — e sabê-lo, sobretudo — para contra-argumentar a todos aqueles que clamam o rigôr dos trabalhos, que a França ia cedendo. A França compreendia — e bem o demonstrou agora, embora se julgue que não — que a força das circunstâncias é invencível, mas o que ela fazia, com muita sabedoria e com muito proveito para a Europa, era regularizar e fazer compreender — táctica maravilhosa! — que essa força de circunstâncias era impossível. . . Porque nós sabemos bem que a Alemanha tem necessidades urgentes, naturais. . . O ponto nervoso da questão é equilibrá-las de acôrdo também com os outros, que, além das suas próprias necessidades, tem até direitos — e direitos sagrados. Quando em fins de 1930 a vida alemã começava a estagnar nas suas actividades criadoras e impulsivas, afectada pela falta de confiança e de crédito, transida de pavor e visões dramáticas, a França recolhia-se a uma política própria e sua. Ela sabia já, com certa precisão, para onde ia a Alemanha.

Era mais uma lição e uma advertência a todos os outros povos. Mussolini até, à altura fãnhudo e irritante, sistematicamente caracterizando os seus discursos do Outono e do Inverno por insolentes insinuações, calava-se a tempo, vendo perder-se na vo-

rágem, ao mesmo tempo, tódá aquela sua política de infiltração e de cálculo algébrico, cujas incógnitas já todos conheciam. . . Os republicanos alemães, alarmados e encorajados, começavam a impôr a sua voz e a França, em íntima comunicação intelectual com êles, incitava-os, ajudava-os. Foi interessante até aquêlo inquerito realizado pelas mentalidades jornalísticas francesas no seio dos intelectuais alemães, que formam, dentro da verdadeira Democracia germânica, a mais notável e mais séria manifestação da Alemanha nova.

Dizia Herrmann, um dos mais fortes paisagistas da sua terra de Alé-Rêno:

«Enquanto na Alemanha houver uma Democracia, a Paz da Europa será assegurada. . .»

E Remarque — o grande visionário e psicólogo dos *boulevards* de Paris, acrescentava:

«Os intelectuais novos da Alemanha vão trabalhar pela República.»

E' certo que Hitler e todos os seus similares desacreditavam-se já e hoje nada mais são que fantoches burlêscos duma política sem orgânica e sem base; mas, no entanto, é ainda muito duvidoso o aspecto geral das coisas lá do Rêno. . . A França, na sua contra-proposta à de Hoover — mais um atropêlo e um *adeantamento* dos nossos amigos americanos — reafirma a sua prudência, a sua ordem e a sua serenidade. Ela sabe que tem que ceder, mas há muitas formas de ceder — cedendo com vantagens. Se à América, primeiro que tudo, os seus interesses em Berlim, a fizeram agir de uma maneira pouco sincera em relação à França (que importa o que dizem as chancelarias? . . .), à Europa cabia, evidentemente, a vibração sentimental. Os interesses arranjam as coisas, é bem certo, e nós sabemos que, no arranjo material delas, os interesses globais da Europa sofriam da derrocada alemã, ao mesmo tempo que aquêlo Paiz se tornaria pasto admirável a uma anarquia ameaçadora das nossas portas, satisfazendo e declarando acertado o critério político-internacional dos homens de Staline, mas é certo também que a Europa, em presença de tamanho descalabro, não deixaria de sentir qualquer coisa de humano no recôndito da sua sensibilidade. Eu acredito o sinceramente.

As horas trágicas da Alemanha — horas em que sofre um povo inteiro e que resultantes de uma crise geral tiveram causa funda numa certa política tódá e insatisfeita que agravou desconfianças, desprotecções, fugas vertiginosas de dinheiro e paralizações de energias, tudo adicionado de compromissos que, decerto, o tempo suavizará — essas horas trágicas, embora ainda muito sérias, e que levarão muito tempo a desaparecer por completo, mais uma vez nos mostram, e duma maneira eloquentíssima e insofismável que, se à Europa é necessária a Paz, a todos os povos, de per si, é necessária a íntima colaboração — colaboração essa que é tanto mais estreita e concreta, tanto mais frutificadora e ampla, quanto maior uniformidade existir em todos os movimentos espirituais da sociedade, correspondendo-se nos seus sistemas, sem ócos nacionalismos imbuídos de ambições de classes que falharam ou falsa doutrinação que, analisada na sua verdadeira e única intenção, se resume a uma Democracia bem ampla e bem económica — senhora das suas virtudes e das suas realidades.

A. de C.

Podindo providências — São várias as pessoas que se queixam da pouca solicitude com que algumas senhoras telefonistas atendem o público. Não mencionamos nomes, porque não temos elementos para o fazer, mas estamos convencidos de que há naquela Repartição quem cumpra com o seu dever; Por isso, o nosso fim não é atingir aquelas que são zelosas e cumpridoras, mas sim as que tem mais preocupação com outros assuntos do que com o bom desempenho das funções do seu cargo.

Em S. Torcato — A freguesia de S. Torcato está em maré da pouca sorte: Uns querem feira, outros não a querem; uns querem-na mais acima outros querem-na mais abaixo; uns dizem que a nova Avenida fica torta, outros dizem que torta não fica; uns dizem que uma torre tem mais um metro de altura do que a outra, outros dizem que as alturas são iguais; Quem terá razão? O tempo encarregar-se-á de dar o seu a seu dono.

Um conselho — Para não voltarmos a importunar os nossos amigos e dignos proprietários do Café Oriental, aconselhamo-los a baixarem ao preço da chavena de café, passado o próximo dia 3. Em Braga, que é uma terra que tem um teatro que não a envergonha; que tem uma luz que alumia; que tem dois regimentos; que tem um corpo de policia que satisfaz e etc. etc. etc., custa cada chavena de café 50 centavos. Entendidos?

A policia — Tem melhorado um pouco os serviços prestados pela policia, mas continuam a deixar muito a desejar. As posturas camarárias não se cumprem como se verifica com o que se passa, diariamente, nesta maldadada terra. O actual sub-chefe do Posto tem empregado os melhores dos seus esforços no sentido de tornar proficuos os serviços desta corporação. Entendemos, porém, que nada conseguirá, se os seus superiores não lhe derem a força moral precisa para bem desempenhar o seu cargo. A ver vamos.

Este número foi visado pela comissão de censura

Os boeiros da cidade

Referimo-nos n'A Velha Guarda ao assunto mais corrente do dia, o pestilento cheiro dos boeiros, ali, em plena praça do Tournal. Atribui-se a várias origens o bafo. Seja, porém, qual for a sua origem, o certo é que não podemos ficar de braços cruzados sem protestar, junto de quem de direito, contra o entoxicante aroma. Chamamos para isto a atenção das Entidades competentes. Se é possível realizar um nadinha de higiene no seio da cidade, peca contra os mais rudimentares preceitos do bem comum todo o que descura tal realização. Hemos que assentar nesta verdade: a saúde pública é qualquer coisa de ponderável e merecê — seja de quem fôr — um aturado e metucioso discernimento.

Ora, ao que nos consta, nenhuma medida foi tomada para debelar o mal. E «A Velha Guarda» já o apontou aos que deviam ouvi-la.

Pois voltamos a insistir. Cremos que o Município — sem ser o pião das nicas — devia interceder. Mesmo, porque nós voltamos a referir-nos aos boeiros, quer para louvar, quer para reprovar. Ai fica.

Vivam as Gualterianas

AS SUAS BODAS DE PRATA

Como temos noticiado, efectua-se este ano as Gualterianas a dentro dum grandioso programa de realizações festivas. Nada mais eloquente do que este gesto de protesto contra a decadência veloz duma cidade que se houve por boa entre as melhores. Nada mais eloquente do que esse gesto que reage com tenácia heroica contra o abandono a que vem sendo lançado um concelho que outrora — e há bem pouco ainda — se ufanava de progressivo.

Guimarães é uma cidade de tradições. Sabe-o meio mundo; e o outro meio não ignora também as suas aspirações. Isto é matéria já largamente tratada por quantos rabiscam nas gazetas cá do burgo... e até noutras gazetas. Não resistimos porém ao desejo de mais uma vez dizer da nossa justiça sobre o momentoso caso que brada perpetuamente a consciência de todos os vimaranenses que se presam deste nome. Fomos perdendo tudo com vexatório desprendimento... tudo. Mas hoje — que festivamente se celebram as «bôdas de Prata», das tradicionalíssimas Gualterianas — façamos um esforço colectivo para que o dia presente tenha repercussão no espaço e no tempo. Esboçando esta lembrança aos nossos conterrâneos, cumprimos — sem pretensões a medalhas nem ovações previamente encomendadas — um airoso dever, de há muito imposto à nossa consciência por todo um conjunto de circunstâncias curiosas. Este dever, que todos apregoam num verbalismo escandecido, sendo pouquíssimos os que o aliam a factos concretos, raro encontra ambiente indispensável... em virtude — tenhamos a coragem de dizê-lo — do comodismo crónico que (à falta de outras regalias) tem, entre nós, as dimensões do vício. Temos a singeleza de dizer, aos que nos lêem, estas duas verdades pouco saborosas. Mas lavemos as mãos de tanto desarranjo. Nós e os leitores. Há coisas afinal, cuja culpa não podemos atirar sobre esta ou aquela entidade. No caso presente, a culpa — repartida nas devidas proporções — pertence a muita gente.

Ora — porque sobre isto marcamos já condignamente a nossa posição — ponhamos hoje de parte a sua resolução. O dia é de festa e devemos-lhe todos homenagens. A Comissão das Festas prestou a Guimarães um grande, um infável serviço. Porque — mercê do seu honrado esforço — é nos dado, ao menos uma vez mais, ter a ilusão dos feéricos festejos de outrora.

Veremos, entre muitas outras diversões de justo realce, a famosa «Marcha Milanesa» com os típicos encantamentos que só os vimaranenses lhe sabem outorgar. A «Marcha Milanesa» — em que doia à estranha denominação — é um atributo muito nosso... é uma maravilha que os Empregados do Comércio tornam cada vez mais linda.

De resto, há este ano — como número saliente das Gualterianas — uma «batalha de flores»... que há muito se não fazia em Guimarães.

As «Feiras francas» de gado bovino e cavalari prometem uma larga concorrência ao respectivo mercado. Em fim — além de outras vivas alegrias — gosamos hoje do nunca esquecido regosijo de, embora por umas escassas horas apenas, ouvir no «Jardim público» a Banda de Infantaria n.º 20, que uma bela tradição liga a esta terra. Guimarães parece ressurgida do passado marasmo em que dormita. Vibra de estranha animação, de incomensurável nervosismo. E' que, apesar de velhinha, possui o desejo ardoroso e forte

AS FESTAS GUALTERIANAS

"Lembras-te, foi naquela romaria..."

As romarias! As romarias... elas são bem, em todo o seu significado paisagista, a única alegria do povo português — dizem os poetas. Uma alegria efêmera, rápida como os minutos do tempo, branda como os seus sorrisos suaves e humildes! Na dura e quasi selvagem missão a que ainda está agarrado — enfeudado — as romarias são a sua única expressão de alma, que durante um ano inteiro, se amargam na labuta!

Onde estão as suas reivindicações? onde param os frutos do seu trabalho exaustivo e fecundo? Nós bem o sabemos: no lirismo das suas virtudes, nas carcassas das suas caravelas antigas!...

Triste compensação! O povo ergueu castelos que lhe não pertencem, catedrais que lhe não dão pão, versos que não lhe matam a fome... prestígio que vai morrendo com o Passado...

Que o povo mande, pois; que ele seja o senhor da sua vontade, o aproveitador das suas próprias virtudes. «República» quer dizer — significa: coisas do povo! Que as romarias deixem de ser as suas festas tristes... — A.



—Anda homem, bate rijo...
que isto está a pedir pancadaria...

de viver. E há-de viver. A «Comissão das Festas» deu, com todos os que a secundam no seu gesto nobilitante — um exemplo frisante de bairrismo. Endereçamos-lhe os nossos mais ardentes cumprimentos. A solidariedade, nesta tão elevada acção, é incondicional...

Somos vimaranenses e... amamos Guimarães.

Depois, voltaremos a tratar do assunto...

x. x. x.

Asilo de Santa Estefânia

Sua escola primária

As alunas deste estabelecimento de caridade e ensino, concluíram os seus trabalhos escolares. Cabe aqui um despretencioso elogio à respectiva professora que — regendo as quatro classes de ensino primário — vem obtendo, nos últimos anos, um êxito digno de nota. Ainda no ano findo foi proposta para receber o prémio da S. M. S., o que foi sobremaneira justo. De facto, ainda este ano ficaram plenamente aprovadas todas as alunas que submeteu ao 2.º grau do ensino primário.

Louvamos coisas destas, porque constatamos que no aludido estabelecimento se produz — pelo menos nesta parte — alguma coisa. A' digna professora, que nesta época foi nomeada para o Júri dos exames, os nossos parabéns.

O seu trabalho é um estímulo.

Justa lembrança

Quis a «Velha Guarda» dedicar o presente número à Comemoração das Bôdas de Prata das Festas Gualterianas. Simpatizo com a ideia, porque — abstraindo de outros motivos — acho simpático tudo o quanto se relacione com o Progresso de uma terra que tem jus a merecer a protecção e a simpatia de todos aqueles que a conhecem.

Não sou de Guimarães, mas são vimaranenses todos os meus filhos, a este motivo bastaria para eu — sem hesitar um único momento — me associasse a homenagem que a «Velha Guarda» pensou — e muito bem — prestar à nobre e histórica cidade do Minho. E, assim, cá estou a cumprir o meu dever associando-me de Alma e coração ao regosijo do povo de Guimarães, que vê ressuscitar — com todo o brilhantismo — as tradicionais Festas da Cidade, mais conhecidas por Festas Gualterianas. Como «recordar é viver» a cidade de Guimarães vai recordar as suas Festas de 1906, e, ao mesmo tempo, vai mostrar que ainda existe, que ainda tem vida. Falando-se de Guimarães deve falar-se das suas necessidades, visto que o seu Progresso — agora um pouco amortecido — ninguém o deve ignorar, pelo menos aqueles que conhecem as suas grandes Indústrias e o seu importante Comércio. Quanto às necessidades desta laboriosa terra, que devo men-

cionar — além de outras — a falta de uma Unidade militar e respectivo D. de R., a falta de um Liceu Central e ainda a falta de uma Escola Industrial e Comercial — completa. Para mim, seriam estas as primeiras lacunas a preencher, se de algum modo a minha humilde opinião tivesse de intervir em tal assunto. Mas acima da minha opinião e dos meus desejos, está a opinião e a vontade dos Poderes Públicos, os quais, naturalmente, resolverão — em ocasião oportuna — a resolução a dar às pretensões de Guimarães, circunstância já prevista — por alguns dos Ex.ºs membros do Governo da Ditadura. Portanto, todos devem ter as melhores esperanças no futuro. Assim o penso e disso estou convencido, porque, quer, o actual Governo, quer qualquer outro não perderá a oportunidade de dar a Guimarães aquilo a que tem direito, mas direito de conquista. Da minha parte, e na qualidade de pai de seis vimaranenses, faço votos para que assim suceda.

Guimarães, julho 29.

M. M.

Dr. Roberto de Carvalho

Este nosso ilustre conterrâneo, que é uma glória da clínica radiológica portuguesa, partiu para Paris, onde vai tomar parte no Congresso Internacional de Radiologia. Habitados aos progressos científicos deste grande vimara-

Prêgando no deserto

por ARNALDO DE SOUSA LOBO

As Gualterianas Tiveram ontem início as afamadas Festas Gualterianas, que este ano prometem revestir-se de certo brilhantismo.

Depois de alguns anos de inexplicável desleixo a que foram deitadas, é motivo de regosijo ter de constatar o seu renascimento.

E' que a velha Guimarães parece que está deitada ao abandono de todos, inclusivé dos seus próprios filhos.

Será por que, sendo velha, não possui já a formosura das outras suas irmãs, que, mais novas, têm todos os requêbros para fascinar os amantes enamorados, prontos a dar-lhes todos os adornos para satisfazerem as suas vaidades e as fazerem mais formosas e cubiçadas aos seus olhos gulotões?

Eu que não sou teu filho — pois que quando vim beber da tua água e comer do teu pão, tinha apenas 11 anos — mas que aqui me casei, meus filhos aqui nasceram e minha santa mãe aqui expirou e se enterrou, tenho-te tanto amor como à minha terra, que, tua vizinha, se embeleza e asseia, porque é nova, porque não a desprezam nem a abandonam como te têm feito a ti, pois que os maiores adornos que possuías se foram, sem se saber quando voltarão.

Mas descança, hoje nada de tristezas, limpa essa lágrima furtiva que se desprende de teus lindos olhos, pinta-te e penteia os teus longos cabelos, abre os braços aosromeiros, e mostra-lhe a carne ainda fresca do teu corpo, pois que ainda és bonita bastante para que não escarneçam de ti.

*

O nosso dever No dia de hoje, quando o nosso jornal circular pelas ruas, devem albergar os velhos muros desta cidade, alguns milhares de forasteiros.

Eu os saúdo.

Deve haver tôdas as atenções e cortezias que de há muito são timbre desta terra, para com eles, mostrando-lhes todos os tesouros e relíquias que ainda possuímos: — o Castelo, Sociedade Martins Sarmento, o Tesouro da Colegiada, o Museu Alberto Sampaio, levá-los, se possível for, à Penha, a S. Torcato, etc., etc.

Procedendo assim, estou certo que muito se fará e lucrará.

Guimarães será mais falada e visitada.

E' assim como se faz propaganda.

Devemos ter sempre a noção exacta das nossas obrigações.

E como tal, é lógico também que se não explore demasiado nos hotéis e restaurantes o forasteiro, porque mais vale ganhar pouco e sempre do que muito mas só uma vez.

Fazendo assim, não só elevam e honram a terra, como dão um alto exemplo cívico.

Pelo menos eu assim o compreendo.

Lêde e propagai a "A Velha Guarda,"

nense que — na invicta cidade do Porto, onde exerce a sua nobre profissão — tantos e tão relevantes serviços vem prestando à humanidade, apraz-nos, sempre que a oportunidade se nos oferece, endereçar a Sua Ex.ª os protestos da nossa muita simpatia.

Roberto de Carvalho é um nome honradamente feito. Minguamos o vocabulário para — com justiça — dizer o que é e o que vale. Mas, sem cairmos no elogio vulgar, confessamos que é por termos conterrâneos destes que nos orgulhamos de ser vimaranenses.

Escritoras portuguesas

Era nossa intenção, agora pelas festas Gualterianas, fazer imprimir um número especial de «A Velha Guarda»; mas, motivos de força maior — a falta de pessoal tipográfico e tempo que à última hora nos faltou — contrariaram em parte os nossos intentos. Convidáramos para colaborar nesses números especiais nomes literários dos de maior nomeada no País, os quais acederam, gentilmente, em aceitar; porém, como não nos foi possível dar ao jornal a extensão que pretendíamos, resolvemos, aproveitando o melhor possível o espaço que nos coube, fazê-lo assinar por alguns desses nomes literários que hoje nos honram sobremaneira com os seus escritos, ficando os restantes — que estão em nosso poder — para a primeira oportunidade.

Contudo, os nossos novos colaboradores de hoje que, por coincidência graciosa, são duas ilustres Senhoras, trazem ao nosso jornal um sabor literário inconfundível. D. Aurora Jardim Aranha, distintíssima jornalista e escritora, Senhora ilustre da mais requintada sociedade elegante do Porto, é um nome literário notável no mundo moderno do País. O seu talento, registado em obras de magnífico vulto, pertence à galeria das escritoras portuguesas a quem a nossa Mulher deve um alto serviço, quer literário propriamente dito, quer filosófico, e, portanto, orientador do espírito feminino da nossa época. As suas obras, de um vulto notável, devem pois ser conhecidas e aproveitadas de todas as Senhoras portuguesas, nas quais se encontra, simultaneamente, um sabor literário deliciosíssimo.

Por seu turno, D. Ludovina Frias de Matos é na poesia uma das nossas mais delicadas poetisas, forte de côr, de sentimento filosófico estranho e singular, completando com D. Aurora Jardim Aranha uma geração notável a quem o País deve uma acção espiritualmente aprazível e filosoficamente importante.

A Bola de Cristal

Tocavam-se os jardins. Creio mesmo que no tempo maguado das camélias se entrelaçavam os últimos ramos e fingindo uma só árvore, eram vermelhas e eram brancas as frágeis pétalas de setim.

Ele tinha o seu quarto virado para o quarto dela, mas não se viam porque as folhas eram maciço de espessura rumorejante.

E não se viam porque não pensavam um no outro.

Ela era triste, não bonita e queria não sei quê — sentia-se sózinha, chorava, às vezes, e já não tinha mãe.

Ele estava ainda cambaleante duma grande paixão — destas labaredas que queimam e rasgam, enlouquecem e são deliciosas: céu e dôr, ciúme e raiva, ânsia e beijo.

Mas a outra não quisera mais. Há almas para as quais o amor tem que ser uma bola de cristal com diversas côres e vários caprichos.

Não se lembram que a idade chega, a bola parte-se e o amor vai-se embora.

Que não há maior dôr para a mulher bonita e coquette, que a seus pés calcou galanteios e lágrimas, do que ver-se, de súbito, cruelmente abandonada porque uma ruga vincou e um cabelo branco surgiu!

O João José era pois um abandonado.

A Carmelina uma ignorada. E, um dia, encontraram-se no jardim.

Cumprimento cerimonioso. Olhos nos olhos. Admiração. Nesse dia, aconteceu que o João

PÁGINA LITERÁRIA

José pensou em deitar abaixo aquela árvore grande do jardim e a Carmelina — ela que fugia de tudo quanto cantasse a paixão dos outros! — levou horas e horas a ler os versos dêle:

«Desato a fita azul que prende o mazo das tuas cartas. E, ao fazê-lo, creio rever ainda o doloroso enleio com que tu desataste o último abraço.»

E chora. O que daria ela — mocidade, sacrifício, vida — para que fôssem seus aqueles versos, escritos na sua carne com o ferro do amor e a tinta da paixão!

E chora... No dia seguinte, o João José lembra-se que deve ser agradável ir trabalhar para o jardim. Leva papéis, livros, permanente.

A Carmelina, alvoroçada, sente-lhe os passos. E córa, fica tonta de alegria, com o coração a bater muito e qualquer coisa dentro de si a impeli-la para êle.

Vai.
— Bom dia, minha senhora.
— Muito bom dia. Está a trabalhar?

— Ou a fingir. De resto, escrever quasi não é trabalhar...

— Não diga isso. Gosto tanto dos seus versos!

— Ah!
Mas então isto que é? Porque motivo ficou assim tão contente? Ele bem sabe que as mulheres esgotam os seus livros e que os seus maguados versos de amor são lidos por todos os lábios femininos...

E ela, nem bonita é! Tem lá comparação!

E a imagem que o faz sofrer surge impetuosa e dominadora.

Mas parece que não se contorna tão nitidamente a sua silhueta e que o seu domínio não lhe traz ao coração a punhalada de sempre.

E muda, de súbito, corre o pano de ferro sobre o sofrimento.

— Diga-me: há quanto tempo vive nesta casa?

— Há um ano.

— Mas eu nunca a vi!

— Nem eu a si...

Vinca-lhe a bôca um traço de sarcasmo.

— Nem admira... Nova, bonita... deve ter o seu coração preso do lado de lá, da rua. Importa-se bem se vive ou morre o... a sêda de que são tecidas as camélias do seu jardim...

— E do seu também. Olhe: não vê aquelas duas japoneiras como se juntaram por cima do muro?

— E' verdade? Curioso!

E acharam uma graça infinita ao entrelaçamento.

Todas as tardes se encontram nos jardins.

Depois, êle saltava o muro e vinha tomar o chá com ela.

Uma noite — como caíra a noite assim, de repente, sem ninguém dar por isso? — êle declarou que os dedos dela eram tão macios como pétalas de camélias doentes.

A escuridão andara lá por cima a prender, por aqui e por ali, o seu manto de negrura. Aparecia no céu o sorriso doirado duma estrêla maliciosa, os passaritos carregadinhos de pressa e de sono recolhiam a casa e o ar parecia mais pesado e mais doce.

Não sei o que havia no jardim — uma opressão, um «contentamento descontente», a ânsia indefinida de que o mundo desaparecesse, silêncios bruscos, olhos nos olhos... O que seria?

E êle, agarrou-a violentamente e beijou-lhe a bôca.

Foi feliz, a Carmelina. Deixou de se julgar feia, pensou que o mundo era uma coisa maravilhosa e concentrou tôda a sua vida num jardim tecido de ilusões.

Mas a bola de cristal — de va-

riadas, coloridas facetas — sempre irrequieta e rebolando sempre — girou, girou e parou noutra côr.

O João José que se curara da outra, deixou o remédio — abandonou-a.

E a Carmelina, maguada, frágil, pobrezinha e dolorida não foi mais do que pétala emurchecida de camélia dolorida, pobrezinha, frágil e maguada...

AURORA JARDIM ARANHA.

O Minho...

...Terra de Amores

O Minho nunca negou pão a famintos nem inspiração a poetas...

No outono, a idílica melancolia dessas paragens infunde sentimentos de ternura e benignidade. O coração descerra-se aos afectos puros, a alma eleva-se a idealidades perfeitas. São menos acerbas as máguas, menos agudas as alegrias...

Ao cair da tarde, ao nostálgico pôr-do-sol, uma paz dulçorosa parece evolvar-se da natureza encantada e enlevar-nos cariciosamente. E' a hora das emoções indefiníveis... O fumo das herdades e dos casais sobe em espirais bizarras, depois derrama-se lentamente no espaço e vela os longes da paisagem como se fôsse gaze finíssima. Os montes tomam tons violáceos, a brisa macia faz susurrar as árvores com brandura...

Das vides de enforcado, por entre a folhagem doirada, pendem os cachos maduros, negros como o pecado e como êle, sápidos e tentadores. A's vezes, um côro de vozes frescas corta o silêncio religioso. São ranchos que regressam da faina dos campos e ali geiram a caminhada com as suas canções. Os rapazes metem ditos engraçados de linguagem sôlta e sabor picante... E' uma lufada de mocidade que passa!... E quando o som das cantigas se apaga a distância, quando a poeira volta a repousar no leito dos caminhos,

quando o silêncio se refaz, é quasi consolador chorar uma ilusão perdida ou uma esperança que nos mentiu...

*

Portugal é um lindo jardim e o Minho é o mais lindo canteiro do jardim de Portugal!

Em hora abençoada e longínqua, Deus abriu as mãos generosas e deixou cair sobre êle um chuvaire de graças. Deu os mais suaves matizes à sua vegetação luxuriante, o mais fino azul ao seu céu incomparável, a máxima leveza e fluidez às suas águas cristalinas. A's mulheres fê-las lindas e meigas, aos homens, fortes e apaixonados. Terra de amores, nela cultiva o amor basta sementeira de enganços... Camilo e Júlio Diniz, os meus dilectos, os maiores e os mais portugueses de todos os romancistas portugueses, fazem passar ali grande parte dos seus romances. As suas heroínas florescem no Minho como rosas magníficas, perfumadas

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço, fomos forçados a retirar diversa matéria já composta, entre a qual a homenagem prestada ao nosso correligionário e amigo Sr. Abel Cardoso, diversas locais, noticiário, etc.

de lírica poesia e coloridas de paixão intensa.

A hospitalidade minhota é proverbial. As portas das casas, do mais humilde tugúrio ao mais abastado solar, abrem-se francamente a dar guarida aos forasteiros. E não são só as portas que se abrem mas também os braços e os corações para receberem os desconhecidos como amigos e os amigos como parentes.

Provincia de tradições patrióticas nobilíssimas, nunca a Liberdade violentada soltou um grito abafado que ali não fizesse eco retumbante. E não há português verdadeiramente digno de o ser que ao pisar êsse solo privilegiado duvide dos destinos da Pátria ou perca a fé na estrêla que a protege. E' que sente latejar, nesse pedaço de terra, o coração de Portugal!

Julho — 1931

LUDOVINA FRIAS DE MATOS.

A MINHA TERRA

...Mas que alegria eu sinto ao ver-te, ó linda Arzua!

Meu coração, cá dentro, aos pulos se levanta

Quando piso saudoso a tortuosa rua

Onde a sorrir me espera uma velhinha santa.

E assim, engalanada, inda mais linda é a tua

Alma tôda de luz e que de luz encanta!

Do teu ser a Beleza ardentemente estua,

Deslumbra-nos a alma e a nossa vista espanta!

Minha terra de amor, meu berço de saudade,

Só tu sabes sentir as Festas da Cidade,

Inundá-las de sol, cobri-las de grandeza!

Guimarães! Guimarães! O' meu torrão natal:

Ninguém, melhor que tu, em todo Portugal,

Sabe dar Graça e Luz à Marcha Milanesa!

Julho de 1931.

DELFINO DE VIMARANES.



Luz — Fôrça — Rádio

Ao comércio
e ao público

A Casa Bernardino Jordão, Filhos & C.ª, inaugurou nesta cidade êste modelar estabelecimento comercial que, como se depreende da epígrafe, fornece ao público, em condições excepcionalíssimas, os mais raros e variados materiais de electricidade. Visitamos o estabelecimento e confessamos-nos surpresos pela ordem e fino

gosto que ali se observa, o luxo que a todos encanta. A obra — delineada por um dos mais distintos architectos portuenses — foi inspirada no *estilo cubista* e constitui um melhoramento que sobremaneira honra Guimarães.

Ali se encontra à venda um *sortido completo de «Lampadas Philips»*, tais como: Rádio, Raio X, Cinema-Foto, Auto e uma enorme variedade de lâmpadas de iluminação; aparelho de Raio X Philips; ferros de brunir, chaleiras, cafeteiras e uma variedade

de aparelhos eléctricos da casa alemã Graetzor; campainhas, ventingas, tulipas, candieiros, esquentadores, etc. etc.; variedade colossal em material para T. S. F. e instalações eléctricas; geleiras electricas «Kelvinator»; Philips tem 8 qualidades de aparelhos receptores em luxuosos e variados aspectos; 14 qualidades de Altos-falantes e bem assim os de grande potência uzados nos cinemas e Sonoros; motores eléctricos e motos-bombas da fábrica sueca ASEA.